VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 30ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(às) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Da esquerda para direita, Bruno Dubeux, procurador-geral do Estado do Rio de Janeiro, Thiers Vianna Montebello, ex-presidente TCMRio, Flávio de Araújo Willeman, secretário da Casa Civil do Estado do Rio de Janeiro, Theophilo Antonio Miguel Filho, desembargador federal e diretor-geral do CCJF, Ana Cristina Dib Miguel, desembargadora do TJRJ, Leonardo Cardoso de Freitas, procurador-chefe da Procuradoria Regional da República da 2ª Região e Alfredo Hilário de Souza, desembargador federal do TRF2

Centro Cultural Justiça Federal concede homenagem a autoridades, entre elas, novos desembargadores do TRF2, dedicadas à defesa e aos direitos da sociedade brasileira

No jubileu de prata do *Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)*, a Casa segue reconhecendo trajetórias de pessoas dedicadas à defesa da ordem jurídica, da memória, da cultura, do interesse público e dos direitos da população. A Sala de Sessões recebeu

Cinelândia - Cinema na Rua exibe o filme "Nosso Sonho", inspirado na história da dupla Claudinho e Buchecha



A próxima edição do projeto *Cinelândia - Cinema na Rua*, que faz parte da programação da *Mostra Cultural Consciência Negra do CCJF*, carrega o ritmo popular do funk ao contar a história daquela que foi uma das principais duplas nacionais do gênero: *Claudinho e Buchecha*. No dia 24 de novembro (terça-feira), a partir das 18h, o CCJF, em parceria com a Banca do André, ASPAC e FIRJAN SESI, leva para o telão da Pedro Lessa o filme *Nosso Sonho*.

Com direção de Eduardo Albergaria, a trama, narrada sob a perspectiva de Buchecha, mostra como uma amizade de infância iniciada em São

duas cerimônias especiais em outubro. No dia 6, no local histórico que já foi sede do Supremo Tribunal Federal, o CCJF concedeu a Leonardo Cardoso de Freitas, procurador-chefe da Procuradoria Regional da República da 2ª Região, Bruno Dubeux, procurador-geral do Estado do Rio de Janeiro e Flávio de Araújo Willeman, secretário da Casa Civil do Estado do Rio de Janeiro, a Medalha e o Certificado do Mérito Cultural. Já no dia 8, foi a vez dos recém-empossados desembargadores federais do Tribunal Federal da 2ª Região, Dra. Geraldine Pinto Vital de Castro e Dr. Wilney Magno de Azevedo Silva, receberem a honraria, cunhada pela Casa da Moeda do Brasil.

No início do evento do dia 6, o anfitrião e diretor-geral do CCJF, desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho, ressaltou a honra de celebrar um novo encontro entre a história que habita o prédio e a trajetória viva dos homenageados. Entre outros pontos, ele destacou a importância de um local que, concebido originalmente como Palácio Arquiepiscopal, foi incorporado, em 1909, ao patrimônio da República para sediar a Suprema Corte brasileira e, durante 51 anos, foi palco das atividades do Supremo Tribunal Federal — testemunhando momentos marcantes da história nacional. Além disso, já como Centro Cultural, citou a realização do Prêmio Quis Ego Sum, concurso nacional de pesquisa e identificação de personagem histórico, que convidou pesquisadores a decifrar a identidade da figura histórica apagada de uma das pinturas que emolduram as paredes da Sala de Sessões e que, posteriormente, foi descoberta: o jurisconsulto Quinto Múcio Cévola.

Ao conceder Medalha e o Certificado de Mérito Cultural do CCJF às autoridades homenageadas, ele reforçou o reconhecimento de vidas dedicadas ao Direito, ao serviço público e ao bem comum. “Que essa honraria, cunhada no Jubileu de Prata desta Casa, seja símbolo permanente do respeito e da admiração que o Centro Cultural Justiça Federal — e o povo brasileiro — devotam às vossas trajetórias”, frisou.

Na ocasião, os homenageados, emocionados, agradeceram ao CCJF e aos presentes pelo reconhecimento do trabalho e destacaram o papel da cultura para a sociedade. “Tenho certeza que instituições do Direito que tem iniciativas culturais como essa nos mostram que o Direito não nos basta e temos a obrigação, como operadores do Direito, não só de entregar Justiça a população brasileira mas também oferecer um pouco de cultura, o que há de melhor da vida. Parabéns pelo trabalho que vem sendo feito no Centro Cultural Justiça Federal e muito obrigada pela honraria”, destacou Bruno Dubeux.

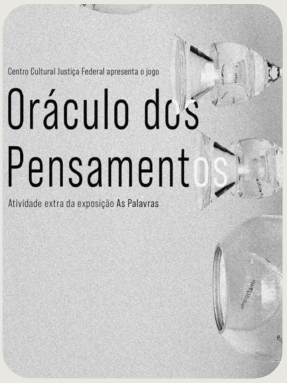
Gonçalo (RJ) se transformou em uma força de superação. A narrativa acompanha o reencontro dos dois amigos, a rotina humilde na periferia antes do sucesso, os primeiros shows e a meteórica ascensão que mudou a história do funk no Brasil. E uma surpresa: para entrar no ritmo embalado pelo filme, pouco antes da exibição, às 17h30, no mesmo local, haverá a participação da professora de charme Valéria Alves e do DJ Jacaré, com apresentação de charme e funk melody, no estilo Claudinho e Buchecha.

É só chegar, vem!

O evento contará com cobertura e, por isso, será mantido em caso de chuva no dia da exibição.

Foto: Angelica Goudinho

Jogo de 'As Palavras': atividade extra no CCJF



Além da mostra "As Palavras", localizada no 1º andar do CCJF, o público ainda pode participar da atividade extra o jogo “oráculo dos pensamentos” no dia 19 de novembro, às 17h (Galeria C1).

Criado por Suely, a iniciativa contará com a participação de artistas e poetas visuais. “O jogo é



Da esquerda para direita, os desembargadores federais Firly Nascimento Filho, corregedor-regional do TRF2, Wilney Magno de Azevedo Silva, Theophilo Antonio Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, Geraldine Pinto Vital de Castro, além do juiz federal da 6ª Região, Jorge Gustavo Serra de Macedo Costa, a desembargadora do TJRJ, Ana Cristina Dib Miguel e a desembragadora federal do TRF2, Andrea Cunha Esmeraldo

Na 2ª cerimônia, o diretor geral do CCJF também destacou a alegria de conceder a honraria a duas autoridades que, ao longo de distintas trajetórias da vida institucional, dedicam-se à defesa da ordem jurídica, do interesse público e da dignidade da pessoa humana. Ao agradecer a comenda, a desembargadora Geraldine Castro destacou a grata satisfação de estar sendo agraciada, na companhia de amigos e servidores, em um lugar tão especial, que respira história. “O mais importante e que me tocou profundamente é o fato desta Casa estar com as portas abertas para a praça, um convite de que estamos, sim, abertos à população, que nós conversamos e somos acessíveis”, pontuou.

Para o desembargador Wilney Silva, a honraria é um incentivo a mais para continuar na caminhada de prestação de justiça. Ele lembrou que, quando criança, costumava andar pelo prédio histórico ao acompanhar o pai, que era advogado e litigava na Justiça Federal. “Eu subia, ainda criança com meu pai, por essas escadas, passava pelos corredores, admirava os vitrais. É uma alegria ver esse prédio como está hoje, esse movimento, essa preservação, esse incentivo”, ressaltou.

um objeto facilitador de conversas públicas. Cartas estarão sobre as cadeiras e os artistas começam a ler um trecho do texto ao acaso. Ao ler uma frase do oráculo fala o que pensa, sente, intui ou deseja. E assim segue o jogo”, explica a artista.

Interessante, né? Venha participar! É gratuito!

Natal solidário do CCJF: iluminação especial, árvore de natal, coral e campanha de doação de alimentos



Neste fim de ano, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** vivenciará a magia das festas de fim de ano em um ambiente que une arte, cultura e responsabilidade social. Entre os dias **17 de novembro de 2026 a 7 de janeiro de 2027**, acontece o *Natal Solidário do CCJF* que oferece ao público um clima natalino especial que vai deixar a Cinelândia, coração do Rio de Janeiro, mais iluminada. No dia 17, haverá a inauguração da programação, com apresentação do *Coral da Tarde*, que trará no repertório algumas canções natalinas além de MPB.

Durante o período, quem visitar o prédio histórico será recebido por uma enorme árvore de Natal, instalada no hall de



"Encontro dos extremos", uma das obras da exposição As Palavras, que ocupa parte do 1º andar do Centro Cultural Justiça Federal

Novas exposições exploram limiar entre palavra, imagem e espaço e reflexões a partir da união da arte de grupos identitários

A programação cultural de outubro trouxe novidades no campo das artes visuais do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Depois das galerias do CCJF serem ocupadas pela exposição *Coleção Ingá: Brasil plural*, foi a vez da arte contemporânea, por meio de novas mostras, tomar conta do espaço histórico — um dos principais polos culturais da Cinelândia. No dia 13 de outubro, as galerias do CCJF abriram suas portas para duas exposições: *As Palavras*, da artista e poeta visual carioca Suely Farhi, que reúne dez instalações, incluindo obras inéditas, que trazem como tema o universo feminino e *Biografemas*, mostra coletiva que reúne 11 artistas de diferentes regiões do Brasil, que estimula a reflexão ao unir temáticas envolvendo questões identitárias de grupos minoritários.

"As Palavras", pontos de tensão, questionamento e pensamento — Com curadoria de Luiza Interlengh, a mostra reúne dez instalações incluindo obras inéditas, produzidas pela artista Suely Farhi desde 1994 até hoje, que trazem como tema o universo feminino. É a primeira vez que ela reúne trabalhos com essa temática. No texto curatorial sobre a concepção da mostra, Luiza destaca que "Suely Farhi investiga o limiar entre palavra, imagem e espaço - a linguagem transmuta a realidade. As palavras - substantivo feminino plural - desenham o invisível e aderem aos objetos para iluminar a força da mulher". Entre as obras que compõem a exposição estão as inéditas "elogios às marias-sem-vergonha", composta por vasos de vidro transparentes e sobrepostos, com tamanhos e formatos variados, cheios d'água, em que estão serigrafados adjetivos positivos sobre as mulheres, e "suspiros alfabéticos" que traz 26 folhas de papel A2, cada uma com um desenho feito com uma letra do alfabeto e duas dobras bem sutis nos papéis que emolduram as letras e remetem à forma da virilha. "É uma entrada, criando o cenário perfeito para celebrar a união e a esperança. Do lado de fora, a fachada do Centro Cultural ganha um encanto extra com a iluminação especial das árvores em frente ao edifício, colorindo a paisagem urbana com as luzes natalinas.

Mais do que celebrar, o Natal é tempo de estender a mão a quem mais precisa. Por isso, durante todo o período do evento, será realizada *Campanha de Arrecadação de Alimentos*, convidando visitantes, colaboradores e parceiros a fazerem parte dessa corrente do bem por meio de doações (alimentos não perecíveis) a ser entregues no posto de coleta localizado na recepção da instituição.

Além do CCJF, a Biblioteca Nacional também será parceira nessa iniciativa, oferecendo mais um ponto de coleta de alimentos. Todo o mantimento arrecadado será destinado a famílias em situação de vulnerabilidade social. Venha nessa ação solidária conosco!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da

alusão ao corpo feminino, mas o papel branco também lembra as estátuas de mármore. As letras trazem o som, o suspiro, uma sensação interna", diz Suely Farhi. Ao visitar a exposição, Lula Wanderley, artista, escritor e terapeuta, imaginou as palavras como objetos vagantes. "Está no corpo, na escrita, na matéria, na imagem. Ficou muito bom. Me intriga essa frase, 'a palavra como objeto vagante' e a mostra me deu essa ideia", conta.



No 2 º andar do CCJF, público confere as obras da mostra Biografemas, que reúne 11 artistas

Biografemas, uma reflexão sobre identidade, empatia e força da coletividade — A exposição coletiva, com curadoria de Raquel Gandra, reúne 11 artistas de diferentes regiões do Brasil cujas trajetórias e linguagens diversas convergem em um ambiente seguro para reflexão a partir de questões identitárias de grupos minoritários. As obras despertam a sensibilidade e empatia do público e apontam para a força da coletividade e do encontro entre as diferenças como estratégia para criar pontes e pontos de convergência. Na mostra, as artes de Anna Ortega, Julia Baumfeld, Mitsy Queiroz, Miguel Chikaoka, Raquel Gandra, Li Vasc, Malu Teodoro, Felipe Camilo, Luiza Kons, Masina Pinheiro e Gal Cipreste Marinelli abrem espaço para vozes que não possuem lugar de fala significativo na sociedade, vozes silenciadas, segundo a curadora. "(Estamos) em um momento muito importante de renovação de quem faz e consome arte, momento de democratização não só do acesso do público mas também das ferramentas e espaços artísticos", ressalta Raquel. Ela conta que sempre sentiu a necessidade de unir pautas das minorias (artistas LGBTQIAPN+, mulheres e negros, por exemplo) em um único projeto — dentro de suas próprias diferenças, individualidades e singularidades — e levá-las de forma generosa e artística a todos, inclusive aqueles que não necessariamente já experimentaram dores como violências doméstica e de gênero. "Foi um pouco da mistura de dois desejos, de trazer esse aspecto da biografia, ou seja, de falar de si como uma forma de criação artística que também é algo muito contemporâneo, como também a vontade de concentrar os vários grupos e criar uma força a partir daí, além de um espaço de convívio entre as diferenças (...) propiciar a empatia, permitir que as pessoas entrem em contato com a dor, as especificidades e alegrias do outro", pontua. Para ela, abrir essa

arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

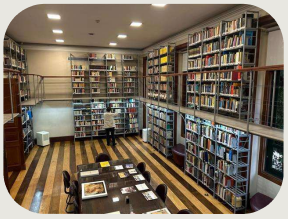
Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:
para até 10 pessoas
clique aqui

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

janela de diálogo pode fazer com que as pessoas reflitam sobre suas próprias experiências, se conectem com aquilo que estão vendo. “Porque arte é sobre isso. Através daquilo que estamos vendo, acessamos um arcabouço de referência da nossa própria vida e experiência e isso nos aproxima uns dos outros”, observa.

Inspirada no conceito criado por Roland Barthes, teórico, crítico literário e semiólogo francês, mais conhecido “Bart”, a mostra se baseia na ideia de “coisas banais, ínfimas, desimportantes que não entrariam numa biografia oficial ou, às vezes, nem desimportante mas focadas nos fracassos e nas tristezas, explica a curadora. Gabriel Falcão, programador de audiovisual, captou a mensagem acerca do nome da exposição e elogiou *Biografemas*. “Não conhecia o termo e foi ótimo conhecer a multiplicidade de formas de arte que observamos a partir dele. Acho que a exposição captura bem isso. São projetos artísticos bem distintos, alguns até interativos. As artes dialogam entre si mas, ao mesmo tempo, você percebe que cada obra tem sua identidade, seja na proposta artística, seja por meio do sentimento, o que está ali impregnado em cada uma”.

Ambas as exposições, localizadas no 1º e 2º andares do prédio, são gratuitas e ocupam o CCJF **até dia 22 de novembro**. Venha prestigiar!



Orquestra Balogun celebra a ancestralidade africana em apresentação no CCJF

No dia 30 de outubro, a *Orquestra Balogun* levou ao teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** uma apresentação que uniu diferentes ritmos, instrumentos e referências culturais, tendo a ancestralidade e as matrizes africanas como inspiração. Fundado em 2025 pelo percussionista e mestre Pedro Lima, o grupo é formado por 18 músicos reúne cordas, sopros,

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. Clique aqui!

Curiosidades do CCJF: você sabia?

percussões e vozes em uma composição que aproxima tradições e sonoridades contemporâneas.

O próprio nome da orquestra carrega uma história de homenagem. A escolha reverencia Humberto Balogun, mestre dos tambores e dos ritmos afro-brasileiros que marcou a trajetória de Pedro Lima durante sua passagem pelo Maracatu Brasil - RJ. A homenagem se estende ainda a outros nomes importantes em sua formação musical, como Carlos Negreiros, Messias dos Santos e Délcio Teobaldo, mestres cujos ensinamentos continuam presentes no trabalho do grupo.

Para o percussionista e mestre da *Orquestra Balogun*, subir ao palco do CCJF com a orquestra teve um significado especial. Ao longo de sua trajetória na música, ele teve a oportunidade de tocar ao lado de alguns dos artistas homenageados e, anos depois, retornar ao mesmo espaço para celebrar suas histórias tornou o momento ainda mais emocionante. “Fazer essa apresentação no CCJF foi muito especial. Tive a oportunidade de tocar com homenageados como Délcio Teobaldo, Mestre Messias dos Santos, Carlos Negreiros e Mestre Humberto Balogun quando eles ainda estavam vivos. Depois, voltar ao mesmo palco para homenageá-los foi muito especial para mim. Sempre vinha aquele friozinho na barriga", relatou.

O carinho também veio da plateia. Com o teatro praticamente lotado e palmas durante todo espetáculo, a resposta do público emocionou o fundador da orquestra, que destacou a importância desse reconhecimento para dar continuidade ao trabalho. “Fiquei extremamente emocionado com a representatividade do público. Ver o teatro praticamente lotado e receber os aplausos da plateia durante o espetáculo foi muito gratificante. Esse reconhecimento nos dá ainda mais ânimo e entusiasmo para continuar, porque mostra que vale a pena seguir com esse trabalho”, afirma.

A formação musical do grupo também chama a atenção pela variedade de instrumentos. Viola brasileira, guitarra, trompa, trompete, tuba, acordeon, percussões e vozes compõem um repertório que passeia entre o sagrado e o contemporâneo. A mistura de timbres e referências cria uma identidade sonora própria, sem deixar de lado as raízes que inspiram a orquestra.

O trabalho da *Orquestra Balogun* é uma forma de manter vivas histórias, saberes e tradições. Ao homenagear os mestres que abriram caminhos e aproximar diferentes gerações por meio da música, o grupo reafirma a importância da ancestralidade africana na formação da cultura brasileira.



Você sabe dizer quem foi o arquiteto idealizador do prédio do CCJF?

Certamente, ao visitar o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** ou simplesmente passar em frente ao seu belíssimo edifício, você já deve ter reparado na imponência e na beleza de sua arquitetura. Mas será que saberia dizer quem foi o responsável por idealizar esse projeto?

Se não sabe, venha descobrir!

O arquiteto responsável pelo projeto do prédio histórico foi Adolfo Morales de Los Rios, um dos profissionais de maior destaque de sua época, reconhecido também por seu espírito visionário. Nascido em Sevilha, na Espanha, estudou por dois anos na Escola de Belas Artes de Paris e chegou ao Rio de Janeiro em 1889. Foi o profissional que teve o maior número de projetos aprovados no concurso internacional de construção de fachadas, instituído pela prefeitura, para os edifícios que iriam ocupar a recém-aberta Avenida Central, em 1905.



CCJF vira sala dos professores em comédia que devolve aos mestres o orgulho de se verem em cena

Todo mundo já passou por uma sala de aula. Poucos, porém, já frequentaram a sala dos professores, um lugar de café requentado, pilhas de provas e grandes desabafos em voz baixa. Foi nesse espaço, tão familiar e tão pouco visitado pelos palcos, que o espetáculo *Sala dos Professores* estreou no Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** no dia 8, com temporada até 25 de outubro.

No palco, três educadores esperam por um quarto integrante em um dia normal de trabalho: Ricardo, colega que se aposenta e deixa a escola naquele mesmo dia. Enquanto ele não aparece, a sala se enche de lembranças, discordâncias e situações engraçadas. Helena, professora de matemática vivida por Piera Pillar, procura equações até nos afetos. Rosivalda, a professora de português, personagem de Rosana Dias, ama a norma culta e a vírgula no lugar certo, e acaba corrigindo pessoas e sentimentos com a mesma caneta. Já Carlos, o professor de teatro interpretado pelo ator Rudson Dias, é capaz de achar poesia em uma nota de boletim e graça nos tropeços dos alunos. Diferentes entre si, os três dividem a certeza de que a educação segue sendo a força mais poderosa de transformação pessoal e coletiva.

Assim, é com humor popular que falam do cansaço da profissão, do medo e do alívio da aposentadoria, da relação com os estudantes e das mudanças no ensino, sem esconder que, por trás do quadro e do giz, existem pessoas com vidas inteiras para administrar.

A comédia, escrita por Paulo Fontenelle e dirigida por ele ao lado de Alexandre Lino nasce da tradição de levar esse universo ao teatro. Segundo Alexandre, a dramaturgia brasileira volta ao tema da escola de tempos em tempos, quase sempre em momentos que dizem algo sobre o país. Ele cita *Apareceu a Margarida* (1971), de Roberto Athayde, remontada várias vezes

Suas obras carregavam a marca do Ecletismo, estilo arquitetônico que estava em alta naquele período e que se caracteriza pela combinação de diferentes referências e estilos do passado em uma mesma construção.

Além do edifício do CCJF, Morales de Los Rios também assina projetos importantes da arquitetura carioca, como o prédio que hoje abriga o Museu Nacional de Belas Artes, o restaurante Assirius, no Theatro Municipal, e o Palácio São Joaquim, na Glória. Infelizmente, muitas das construções que marcaram aquele período não resistiram à intensa especulação imobiliária das décadas de 1960 e 1970. O arquiteto também foi um dos pioneiros do urbanismo no Brasil, tendo elaborado, inclusive, um plano arquitetônico para a cidade de Teresópolis.

Agora que você já conhece um pouco mais sobre o responsável por idealizar esse edifício tão especial, faça uma visita ao CCJF!

Aproveite para observar de perto os detalhes arquitetônicos e descobrir a beleza de cada cantinho desse espaço.

Fonte da imagem:
Núcleo de Pesquisa e Documentação - UFRJ - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Departamento de Projeto de Arquitetura
Disponível em:
https://npd.fau.ufrj.br/i

ndex.php?
cPath=100_1000

por Marília Pêra e ainda hoje muito encenada; *A Aurora da Minha Vida* (1981), de Naum Alves de Souza, que revelou uma geração de atores; e *Conselho de Classe* (2013), de Jô Bilac. Cada uma encenou a escola de seu tempo e o atual espetáculo quis fazer o mesmo tendo os dias de hoje como plano de fundo: essa visão considera uma escrita mais inclusiva, que derruba a quarta parede e se pergunta como o saber circula em uma era de tecnologia e inteligência artificial.

Sobre a concepção da ideia da peça teatral, o texto nasceu de dentro. Paulo Fontenelle foi professor, e chegou a ser mestre do próprio Alexandre, ou seja, os atores também já ocuparam o lugar de quem ensina. Para que a peça não soasse como o relato de um forasteiro, a equipe ainda ouviu professores e pedagogos ao longo do processo. “A gente se debruça num olhar distanciado, porém um olhar de dentro”, contou Alexandre.

O reflexo disso foi observado no público espectador. Em quase todas as sessões, a maioria das poltronas do Teatro do CCJF foi formada por professores. “Eles querem se ver representados, eles se sentem reconhecidos, eles se sentem pertencentes a essa narrativa que nós entregamos”, conta Alexandre. Rudson Dias, que além de ator é professor e dirige uma escola de teatro, conhece bem essa emoção. “Educação mudou muito o rumo da minha história”, disse. Ele admitiu que o elenco desembarcou no Rio de Janeiro com dúvidas sobre como seria se apresentar na capital, e descobriu um teatro acolhedor e uma troca igualmente especial quanto a das estradas. “É um espetáculo que a gente fala o tempo inteiro com a plateia. A plateia faz parte do espetáculo. Quando eles estão olhando pra gente, falando com a gente, trocando com a gente, a história está acontecendo também”.

Para Alexandre, o CCJF foi o lugar certo para esse encontro. O local pequeno e intimista lembra uma sala de aula de verdade, onde todos estão perto e participando da mesma conversa. A homenagem aos mestres é feita com bom humor justamente para não deixar ninguém de fora, como um abraço estendido a todos os públicos. E, ao fim de cada sessão, esse abraço ganha continuidade em um bate-papo com pedagogos e profissionais da educação sobre a importância de aprender em todas as fases da vida, a valorização do professor e o papel da escola na sociedade. Na sessão assistida no Dia dos Professores, comemorado no dia 15 de outubro, a professora convidada foi Débora Salem, mais uma dessas pessoas que se viram em cena. “Para nós que somos professores, a gente fica muito feliz de ter uma peça que valoriza tanto a educação, que valoriza o professor, que valoriza estar dentro de sala de aula”, destaca.

Na peça, há uma frase que parece ter sido escrita sob medida para essa temporada. Ela é dita por Helena, a professora de Matemática, aquela que procura lógica até nos sentimentos: “Conhecimento é a única coisa que, quando a gente divide, multiplica.” Entre risadas, abraços e conversas depois dos aplausos, a conta fechou certa no Teatro do CCJF.

Ficou com vontade de conferir essa história de perto? Ainda dá tempo, venha prestigiar o espetáculo *Sala dos Professores*.



Cinelândia - Cinema na Rua leva a história de Mauricio de Sousa à Rua Pedro Lessa

No dia 27 de outubro, o *Cinelândia - Cinema na Rua*, em parceria com a Banca do André, a FIRJAN SESI e a Associação dos Servidores Públicos da ANCINE (ASPAC), proporcionou ao público uma viagem pela história de um dos maiores quadrinistas do Brasil e, quiçá, da América Latina. Coincidentemente, a sessão aconteceu no dia do aniversário de Mauricio de Sousa, tornando a ocasião ainda mais especial. O longa-metragem *Mauricio de Sousa – O Filme* retrata a trajetória do cartunista e escritor e os primeiros passos que deram vida ao sonho de se tornar desenhista.

Nesta edição, a programação teve início com a exibição de dois curtas-metragens, em parceria com a FIRJAN SESI e o *Festival Animarte*. O primeiro curta-metragem exibido, *Pequeno e as Ilhas Invisíveis*, apresenta a história de Pequeno, um garoto que decide enfrentar o desconhecido e sair de sua ilha. Durante essa jornada pelas águas turvas do Rio Amazonas, ele descobre suas raízes, questiona valores importados dos Estados Unidos e fortalece seu senso de pertencimento. Já o segundo curta-metragem, intitulado *Esperança*, acompanha a história de uma menina negra de 12 anos que sonha em se tornar jogadora profissional de futebol na periferia brasileira. Enfrentando a exclusão em campo e a resistência em casa, ela encontra força no legado de sua avó e dá o primeiro passo rumo à construção do próprio futuro.

Após a exibição, o diretor e curador do *Festival Animarte*, Alexandre Juruena, destacou a felicidade em fazer parte do projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* e comentou sobre a experiência. “Acho essa iniciativa de ter cinema na rua incrível, ainda mais na Cinelândia, um lugar muito especial para o cinema brasileiro”, destacou.

Antes do início da sessão de *Mauricio de Sousa - O Filme*, os diretores Pedro Vasconcelos e Rafael Salgado também conversaram com o público. Na ocasião, contaram que, para

tirar a trama do papel e se tornar realidade, precisaram ser bem insistentes já que enfrentaram alguns obstáculos.

Com a presença de pessoas de todas as idades, a Cinelândia se transformou em um espaço de celebração e reconhecimento à trajetória de Mauricio de Sousa. O público acompanhou a sessão com interesse e curiosidade para conhecer mais sobre sua história. Até mesmo quem passava pela Rua Pedro Lessa parava por alguns instantes para acompanhar o filme e conhecer um pouco mais sobre um dos maiores ícones dos quadrinhos brasileiros.



Os diretores do Mauricio de Sousa - O Filme conversam com o público sobre os desafios da gravação

Ao término da exibição, os diretores foram à frente do telão para conversar com o público e compartilhar alguns dos desafios enfrentados durante a produção do longa-metragem. Durante o bate-papo, Pedro Vasconcelos destacou o cuidado com as pesquisas realizadas para retratar a trajetória de Mauricio de Sousa com o máximo de fidelidade. “A gente fez um estudo não só no livro *A História Que Não Está no Gibi*, que foi a última biografia lançada por Mauricio, mas em vários outros livros biográficos dele, que foram lançados no começo de sua trajetória e serviram de pesquisa para a gente poder montar o roteiro do filme”, contou.

Ele também ressaltou que o próprio Mauricio confirmou a veracidade dos acontecimentos e de algumas curiosidades retratadas na produção. Segundo o diretor, nenhuma cena foi inventada: todas têm como base experiências que realmente fizeram parte da vida do cartunista.

A edição de outubro do *Cinelândia - Cinema na Rua* foi marcada pela homenagem e reconhecimento a um dos principais nomes da literatura brasileira infanto-juvenil. O evento proporcionou um momento de valorização da cultura, aproximando pessoas de diferentes gerações da trajetória de um dos maiores nomes dos quadrinhos nacionais. A iniciativa reforça a importância de ocupar os espaços públicos com arte e cultura, levando o cinema para além das salas tradicionais e tornando-o cada vez mais acessível à população.



Público experiencia a performace na abertura da exposição Zumbidos, que trata da vida de abelhas nativas

Mais duas exposições no CCJF: da beleza intrínseca à vida das abelhas a visão sensível da experiência de anos em sala de aula

Dois dias depois da abertura das exposições *As Palavras* e *Biografemas*, foi a vez das exposições *Zumbido* e *Diários de Classe* abrirem ao público do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** no dia 15 de outubro. A primeira, do artista João Machado, é o resultado de 15 anos de pesquisa e mergulha no universo das abelhas nativas do Brasil, revelando sua importância ecológica e simbólica; já a segunda, da artista Fernanda Morais, apresenta um conjunto de obras realizadas nos últimos seis anos, surgidas a partir do encontro com as crianças e de sua rotina como educadora na escola pública.

Na abertura de *Zumbido*, o público participou de uma *performance* sonora que convidou os presentes a adentrar o universo acústico das abelhas nativas brasileiras. Idealizada pelo artista João Machado, em colaboração com o músico Daniel Magnani e o artista Rodrigo Netto, a obra utilizou gravações reais de enxames captadas previamente e manipuladas ao vivo por meio de distorções, reverberações e procedimentos de improvisação musical. A *performance* estabeleceu um campo de reflexão sensível e crítico sobre o papel desses polinizadores na manutenção da biodiversidade, convidando o público a experienciar, para além da escuta, a dimensão vibracional, comunicacional e relacional desses seres. “Foi uma pesquisa sobre o som das abelhas nativas, então todos os trabalhos aqui nessa exposição, de alguma forma, mostram desdobramentos desse estudo do som. A audioteca de abelhas nativas é uma compilação da gravação desses sons que estão disponíveis para alguns museus…infelizmente, não haviam registros disponíveis

na internet até então (desses sons organizados), isso é muito importante porque algumas dessas abelhas estão ameaçadas e correm o risco de deixarem de existir antes que possamos estudar sua comunicação sonora", frisou João Machado.

Foi algo para além da realidade que Laura Freitas, artista visual, sentiu na ocasião. Para ela, além do visual do trabalho "que está incrível", o som das abelhas nativas da *performance* a fez se conectar com um lugar que parece que já tinha se desconectado há muito tempo, principalmente morando na cidade. "Fez a gente voltar um pouco nesse outro lugar, um local que talvez a gente tenha saudade e nem sabe onde é...foi isso que eu senti", contou. A exposição, cuja curadoria é de Lola Fabres, reúne cerâmicas, instalações sonoras e vídeos, propondo um verdadeiro diálogo interespécies e multidisciplinar. Também explora conexões sensoriais e poéticas entre humanos e abelhas. A programação também contou com *Oficina de Arquiteturas para abelhas solitárias* em que os participantes aprenderam, de forma prática, como construir abrigos para abelhas solitárias utilizando barro, além de conhecer melhor esses insetos e a refletir sobre como é possível conviver e cuidar da biodiversidade no dia a dia.



Abertura da mostra Diários de Classe, que reúne obras de anos de trabalho da artista e professora Fernanda Morais com crianças em sala de aula

Já *Diários de Classe*, 1ª exposição individual de Fernanda Morais, agrega uma seleção de obras produzidas nos últimos seis anos de

trabalho com crianças em sala de aula. A ideia surgiu a partir da experiência vivenciada pela artista como professora de Artes em escolas públicas. Com curadoria de Ana Elisa Lidizia, bordados, vídeos, gravuras, objetos, fotografias e instalações se articulam em um percurso que evidencia o entrelaçamento entre arte e educação, operando tempo, espaço, repetição e "o fazer coletivo". Os trabalhos apresentados na exposição afirmam uma poética e prática artística baseada na atenção aos processos e nas experiências compartilhadas. "São trabalhos em que os gestos, as perguntas, as escritas e os materiais que habitam o cotidiano da sala de aula se entrelaçam com minha prática artística. Eles se constroem nessa relação entre arte e educação, entre aquilo que a escola procura organizar e disciplinar e o que escapa a essas formas instituídas", explica Fernanda. A concepção da exposição, segundo ela, partiu do desejo de reunir esses trabalhos e colocá-los em diálogo, tornando visíveis as linhas, relações e forças que existem entre eles.

A abertura, realizada no Dia dos Professores, foi marcante. Mariel Aragão, coordenadora administrativa que visitou a mostra, disse que as obras remetem a um lugar lúdico da infância, uma época em que se começa a aprender e descobrir o mundo. "Ao mesmo tempo, é tudo muito manual. Um 'artesanal' que é bonito de ver. E coisas que você não costuma ver em uma exposição, o mimeógrafo, por exemplo. Achei tudo coeso e bacana", elogiou. A artista torce para que a exposição continue provocando encontros, conversas e reflexões sobre as relações e tensões entre arte, infância e educação. Mas para além disso, "sobre aquilo que podemos aprender quando nos permitimos experimentar outros modos de fazer, olhar e estar na arte e na escola".

Ambas as exposições, localizadas no 1º andar (Galeria de Fotografia), e 2º andares do prédio, **são gratuitas e ocupam o CCJF até dia 22 de novembro**. Venha prestigiar!



Da tradição à criação: o cordel ganha novas vozes em oficina no CCJF

Versos que contam histórias, imagens que traduzem sentimentos e tradições que atravessam gerações. Foi nesse universo de palavras e gravuras que os participantes da *Oficina de Cordel e Gravura Popular* puderam mergulhar, no dia 3 de outubro, no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Conduzida pelos professores Roberto Nunes Bittencourt e Luciana Belém, a atividade aproximou duas expressões marcantes da cultura popular nordestina: a literatura de cordel e a gravura popular.

Ao combinar criação literária e experimentação visual, a oficina apresentou diferentes possibilidades de expressão artística. A proposta incluiu o contato com exemplares de cordéis e xilogravuras, a elaboração de versos e a produção de matrizes de impressão utilizando materiais alternativos, como bandejas de isopor, em substituição à madeira tradicionalmente empregada na xilogravura.

A escolha desse suporte tornou a técnica mais acessível e demonstrou como práticas artísticas tradicionais podem ser exploradas com recursos simples, ampliando suas possibilidades de aplicação em ambientes educativos e culturais.

Para Roberto Nunes Bittencourt, a experiência representou uma oportunidade de aproximação com uma das manifestações mais expressivas da cultura brasileira. Segundo o professor, a leitura e a criação de versos buscaram valorizar a literatura de cordel e seu papel na preservação da memória, dos saberes e das tradições populares. “Mais do que uma experiência de produção poética, a atividade despertou a sensibilidade artística, a criatividade e o respeito à diversidade cultural”, destacou.

Reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural do Brasil, a literatura de cordel reúne elementos da escrita, da oralidade e das artes visuais. Sua permanência ao longo do tempo revela a capacidade das manifestações populares de preservar memórias e, ao mesmo tempo, encontrar novas formas de expressão.

Essa dimensão também foi ressaltada por Roberto, ao observar que a experiência evidenciou a importância de valorizar uma literatura que “atravessou gerações, reinventou a oralidade e manteve vivas as vozes e as experiências de nosso povo”.

Para Luciana Belém, a realização de atividades dessa natureza também evidencia a diversidade de experiências culturais oferecidas pelo CCJF. A professora destacou as possibilidades de vivência proporcionadas pelo espaço, que reúne exposições, teatro, cinema, oficinas e leituras, além do patrimônio histórico e arquitetônico do edifício. “Tanto a Sala de Leitura como a Sala de Cursos acolhem facilitadores de oficinas e participantes com todo suporte necessário para que as atividades aconteçam maravilhosamente”, afirmou.

Entre versos, imagens e histórias, a oficina reafirmou a vitalidade de manifestações culturais que encontram na transmissão de conhecimentos e na liberdade criativa caminhos para sua continuidade. Ao incentivar a criação de novos versos e gravuras, a atividade mostrou que preservar uma tradição

também significa permitir que ela seja reinventada e compartilhada por novas vozes.



Em apresentação no CCJF, Domenico Botelho Ensemble explorou o encontro entre jazz contemporâneo, música brasileira e improvisação

Paisagens que se transformam em música

Uma paisagem não precisa apenas ser vista, pode também ser sentida, lembrada ou imaginada a partir dos sons de um lugar. É dessa possibilidade de transformar experiências em música que surge *Paisagens Sonoras*, espetáculo apresentado pelo *Domenico Botelho Ensemble* no Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, em 31 de outubro.

Liderado pelo contrabaixista e compositor Domenico Botelho, o quarteto, formado também por Ciro Magnani (piano), Joe Ze Pepe (trompete) e Michel Nascimento (bateria), apresentou um repertório de dez composições autorais que transitam entre o jazz contemporâneo, a música brasileira e influências de outras tradições musicais.

A proposta nasceu durante um período de descobertas e amadurecimento artístico e pessoal do compositor, especialmente nos quatro anos em que viveu nos Estados Unidos, onde estudou no *New England Conservatory*, em Boston.
"Cada composição é como uma paisagem particular, que pode ser inspirada por uma estação do ano, um lugar, uma experiência ou até mesmo por um sentimento difícil de traduzir em palavras", explica Domenico.

Segundo ele, não existe uma narrativa linear que conecte as músicas. O elo está justamente na liberdade de explorar diferentes ambientes sonoros e permitir que cada ouvinte encontre neles suas próprias referências. "Gosto de pensar que a música instrumental permite isso: cada pessoa pode construir a sua própria paisagem a partir daquilo que ouve e sente", explica.

Do Saara carioca às paisagens musicais — Entre as composições do repertório, *Tropika Merkato* traduz de maneira especial essa relação entre o cotidiano e a criação artística. A inspiração veio do Saara, tradicional região de comércio popular no Centro do Rio de Janeiro, conhecida pela diversidade de produtos, pelo movimento intenso e pelo encontro de diferentes culturas. “Aquele ambiente de encontros, cores, movimentos, culturas e sonoridades me desperta muita curiosidade. Existe uma riqueza enorme nesse espaço, uma mistura de referências que, de alguma maneira, traduz muito da própria identidade carioca”, conta o compositor.

Essas impressões deram origem a uma composição que explora diferentes atmosferas rítmicas e melódicas. O que para muitos é uma paisagem familiar da cidade tornou-se, para Domenico, matéria-prima musical. “Acho interessante como uma paisagem tão cotidiana pode se transformar em inspiração para uma construção musical. É um exemplo de como procuro olhar para o mundo ao meu redor e encontrar música nas coisas.”

Uma música que se reinventa a cada apresentação — Embora as composições tenham estruturas definidas, a improvisação ocupa um lugar central no trabalho do ensemble. É por meio dela que os músicos encontram espaço para imprimir suas personalidades e estabelecer um diálogo que pode conduzir cada peça por caminhos inesperados.

Segundo Domenico, a interação entre os integrantes permite que as composições ultrapassem aquilo que foi originalmente escrito ou experimentado nos ensaios. “É justamente aí que acontece algo muito especial: a composição deixa de ser apenas aquilo que foi escrito e passa a ganhar novas dimensões a cada apresentação.”

Essa liberdade também encontra raízes na formação musical do contrabaixista. Durante sua passagem pelo *New England Conservatory*, Domenico estudou com nomes como Dave Holland, Jerry Bergonzi e Cecil McBee, ampliando suas referências em composição, improvisação e linguagem musical.

O retorno ao Brasil acrescentou uma nova perspectiva a essa trajetória. O reencontro com a cultura brasileira e, particularmente, com a cena musical carioca ajudou o artista a reconhecer elementos essenciais de sua própria identidade.

O resultado é uma linguagem que não pretende simplesmente reproduzir o jazz norte-americano nem acrescentar referências brasileiras a um estilo preexistente. Para Domenico, o objetivo é fazer com que essas influências se encontrem de maneira natural, preservando a identidade de cada composição.

O encontro com o público — Para o compositor, apresentar *Paisagens Sonoras* no CCJF representou também a oportunidade de levar um trabalho autoral a um espaço dedicado à difusão cultural e ao encontro entre artistas e público. “Tenho um carinho especial por espaços culturais que valorizam a música instrumental e oferecem ao público a oportunidade de conhecer trabalhos autorais. São ambientes importantes para que a produção independente encontre espaço e possa estabelecer uma relação mais próxima com as pessoas.”

Domenico destaca ainda o desejo de aproximar a música instrumental de diferentes públicos, mostrando que a sofisticação musical não precisa significar distanciamento.

A cada apresentação, o espetáculo se transforma pela interação entre os músicos, pelas características do espaço e pela maneira como o público recebe as composições.

É nessa combinação entre criação e escuta que *Paisagens Sonoras* encontra um de seus sentidos mais interessantes: as músicas partem das experiências de quem as compôs, mas não terminam nelas. Ao chegar ao público, podem despertar outras lembranças, sentimentos e imagens, dando origem a paisagens que pertencem a cada ouvinte.



19º Festival Anim!Arte celebra 25 anos de incentivo ao cinema de animação no CCJF

O cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, entre os dias 21 e 23 de outubro, a 19ª edição do *Festival Anim!Arte*, que em 2026 comemora 25 anos de trajetória dedicada à valorização do cinema de animação e à educação audiovisual de crianças e jovens. Com programação gratuita, o evento reuniu produções estudantis e profissionais de diferentes países, promovendo o intercâmbio cultural e o contato do público com diferentes técnicas e narrativas.

Criado em 2001, o *Anim!Arte* surgiu com a proposta de incentivar a produção audiovisual entre estudantes e aproximar crianças e jovens da linguagem da animação. Ao longo dos anos, o festival acompanhou as transformações tecnológicas do setor e ampliou seu alcance, tornando-se um evento internacional. “Naquela época, as possibilidades de produção eram muito diferentes das atuais, tanto em relação ao acesso aos equipamentos quanto às técnicas e ferramentas disponíveis. Ao longo desses 25 anos, acompanhamos uma transformação impressionante no cinema de animação, com a ampliação do acesso às tecnologias e o surgimento de novas gerações de

realizadores", destaca Alexandre Juruena, diretor e curador do festival.

Além das exibições, o *Anim!Arte* promove atividades como oficinas, workshops, master classes e fóruns voltados à educação e à animação. A iniciativa busca estimular o olhar crítico dos espectadores e despertar o interesse de estudantes pela criação audiovisual. Para Alexandre, as sessões no CCJF têm um papel importante nesse processo, pois permitem que os jovens conheçam produções que dificilmente encontrariam nos circuitos comerciais de exibição.

A edição comemorativa também marcou a participação do festival no projeto *Cinelândia - Cinema na Rua*. Na ocasião, o curta-metragem de animação *Esperança* abriu a exibição de *Mauricio de Sousa: O Filme*, em uma programação que também reuniu outras produções do projeto, levando a experiência cinematográfica diretamente ao público. Para o diretor do festival, a experiência teve um significado especial por ocupar um espaço historicamente ligado à exibição cinematográfica no Rio de Janeiro. "Acredito que iniciativas como essa são fundamentais para democratizar o acesso à cultura, valorizar a memória cinematográfica da cidade e reafirmar que as ruas e praças também são espaços de encontro, convivência e formação cultural", afirma.

Outro destaque desta edição foi a presença crescente de trabalhos que utilizam inteligência artificial na produção audiovisual. De acordo com Alexandre, a curadoria adotou critérios rigorosos para selecionar essas obras, considerando aspectos como linguagem cinematográfica, coerência narrativa e uso criterioso dos recursos tecnológicos. "Acredito que a tecnologia pode ampliar as possibilidades criativas, mas não substitui o conhecimento de cinema, a sensibilidade artística e a capacidade de contar boas histórias", afirma.

Ao completar 25 anos, o *Anim!Arte* reafirma seu compromisso com a democratização do acesso à cultura e com a formação de novos espectadores e realizadores. Alexandre também destaca a parceria com o CCJF e a importância do espaço para a continuidade do festival. "O acolhimento, a confiança e o apoio de toda a equipe são fundamentais para que possamos realizar nossas sessões e aproximar o cinema de animação de estudantes, educadores e do público em geral".



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Antônio Pereira de Souza

*A **Vitral Cultural** deste mês segue com a série Por dentro do CCJF. O convidado da vez é **Antonio Pereira de Souza**, líder de equipe da Segurança do Centro Cultural. Ele conta um pouco sobre a rotina no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, além de lembrar de curiosidades e fatos marcantes da trajetória de 24 anos trabalhando na Casa. Confira a entrevista completa a seguir:*

VITRAL CULTURAL: **O que te fez escolher a profissão?**

ANTÔNIO DE SOUZA: Na época, eu já estava trabalhando quando recebi um convite para ingressar nessa profissão e agarrei a oportunidade por ter uma escala mais favorável e uma remuneração melhor.

VITRAL: **Há quanto tempo você trabalha no CCJF e como é trabalhar em um Centro Cultural?**

ANTÔNIO: Estou no Centro Cultural Justiça Federal há 24 anos, lembro que entrei em agosto de 2002. Trabalhar aqui é uma oportunidade fantástica. É um privilégio estar todos os dias em um local onde milhares de pessoas têm o prazer de visitar e consumir cultura.

VITRAL: **Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...**

ANTÔNIO: Uma coisa que acho interessante em observar é quando pessoas passam em frente ao CCJF e fazem o sinal da cruz. Em uma ocasião, uma pessoa se ajoelhou na Sala de Sessões para rezar, imaginando ser um local religioso. Algo que me marcou foi quando tivemos que nos afastar por um período por conta de uma mudança contratual e muitos servidores choraram, alguns não conseguiram se despedir da gente, inclusive. Vi que tínhamos construído uma história ali.



Antes das palavras, as histórias

*Por **Marcia Cristina Silva** | escritora e idealizadora do projeto Jardineira de Histórias*

"Quando um adulto lê para uma criança, não compartilha apenas as palavras de um livro, mas também seu tempo, sua atenção e sua maneira de olhar o mundo."

Quando eu tinha quatro anos, minha avó lia para mim todos os dias a História de Santos Dumont. Eu, que ainda não sabia ler, decorei o livro pelas imagens. Sabia exatamente onde cada palavra estava pousada, pelo carinho com que era pronunciada e guardada na memória. Muito antes de decifrar as letras, eu já construía relações com a linguagem, com as imagens e com aquela voz que me apresentava uma história. Eu já lia o mundo.

A família pode desempenhar um papel importante na formação de leitores, não apenas pelo acesso aos livros, mas pelas experiências de afeto, escuta e descoberta que aproximam a criança da leitura. Quando um adulto lê para ela, compartilha uma lembrança ou se dispõe a imaginar junto, a literatura passa a fazer parte de uma experiência vivida. Recordar — acordar o coração. Até hoje, essa memória do livro de Santos Dumont me faz levantar voo.

É nesse encontro que situo a leitura criativa, conceito que venho desenvolvendo em meu trabalho. Ler criativamente é ir além da decifração das palavras: é observar, imaginar, estabelecer relações, fazer perguntas e construir sentidos a partir do que lemos e experimentamos. A criança não precisa dominar a escrita para participar desse processo. Seu olhar, suas associações e suas perguntas já revelam um imaginário em movimento.

A família pode alimentar esse processo de muitas maneiras. Quando um adulto lê para uma criança, não compartilha apenas as palavras de um livro, mas também seu tempo, sua atenção e sua maneira de olhar o mundo. Uma imagem pode despertar uma pergunta; uma história pode trazer de volta uma lembrança; uma conversa pode fazer surgir uma interpretação inesperada. Não é necessário ter todas as respostas. Muitas vezes, o mais importante é demonstrar curiosidade pelo que a criança pensa e imaginar junto com ela.

No livro infantil *O coração e a garrafa*, do escritor e ilustrador Oliver Jeffers, a relação entre uma menina e seu pai é construída por meio de histórias, brincadeiras e descobertas. Juntos, eles imaginam lugares para além do espaço em que estão. A menina também desenha, colore e inventa, transformando suas experiências em formas próprias de expressão. A história mostra que compartilhar o imaginário não significa apenas oferecer referências à criança, mas também criar condições para que ela invente o próprio mundo.

Mais adiante, quando a menina enfrenta a ausência do pai e guarda o coração numa garrafa, Jeffers encontra uma imagem para representar a dor sem precisar explicá-la. A literatura pode abrir espaço para que a criança se aproxime de sentimentos difíceis, cada um a seu modo e no seu tempo. Cabe ao adulto acolher as perguntas que surgem, sem conduzir a uma única interpretação.

Essas experiências não dependem de grandes projetos nem de atividades planejadas. Podem começar numa história lida antes de dormir, numa conversa à mesa ou numa lembrança que alguém decide compartilhar. O que importa é que a criança encontre espaço para observar, perguntar, imaginar e expressar o que percebe. Ao participar desses encontros, ela não apenas recebe histórias: começa a construir relações próprias com aquilo que lê e ouve.

Uma história, uma conversa ou uma pergunta acolhida podem abrir caminhos que desconhecemos. Antes que o livro chegue com respostas prontas, há um imaginário em formação. Cultivá-lo é permitir que a criança descubra que o mundo pode ser lido de muitas maneiras — e que ela também pode participar de sua reinvenção. Talvez seja assim que a criança que fomos continue a fazer decolar, em nós, um avião colado na memória.